

## A FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR E O ENSINO DE GEOGRAFIA MINISTRADO EM ESCOLA PÚBLICA NO INTERIOR DO ESTADO DO CEARÁ: REFLEXÕES

### INITIAL TRAINING OF TEACHERS AND THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN PUBLIC SCHOOLS IN THE COUNTRYSIDE OF THE STATE OF CEARÁ: THOUGHTS

**Francisco Otávio Landim Neto**

Licenciado em Geografia. Mestrando em Geografia (UFC).

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo teorizar a relação entre a formação inicial dos professores de Geografia que atuam no ensino médio da escola “Edite Alcântara Mota” e o ensino ministrado com o propósito de compreender qual o sentido dessa disciplina na Educação Básica. Na tessitura do fazer metodológico foram efetivadas leituras a fim de estabelecer um diálogo entre estudiosos da temática em questão. Convém destacar que o ensino de Geografia observado, possui algumas deficiências, sobretudo devido à formação inicial de parte dos professores pesquisados não ser licenciatura em Geografia. Com o intuito de tornar o ensino-aprendizagem mais coerente com a realidade dos alunos propõem-se a construção da aula significativa.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia; formação do professor de Geografia.

**ABSTRACT:** This study aims to theorize the relations between the initial training of Geography teachers who work in the High School of “Edite Alcântara Mota” School, and the education, with the purpose of comprehend what the meaning of the discipline on the Basic Education. In the tessitura of the methodological doing readings were made aiming to establish a dialogue between the scholars of the topic in question. It should be highlighted that the observed Geography teaching has some flaws, mainly due to the initial training of the surveyed teachers that is not licentiate degree in Geography. In order to make teaching and learning more consistent with the reality of the students, it was proposed to construct meaningful learning.

**Keywords:** Teaching Geography; Geography Teacher Training.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo teorizar o ensino de Geografia com o propósito de compreender qual o sentido desta disciplina na Educação Básica, foi realizado na Escola de Ensino Médio “Edite Alcântara Mota” localizada no município de General Sampaio, inserido da região norte do Estado do Ceará.

A tessitura do fazer metodológico foi constituída de uma ampla revisão bibliográfica alicerçada em estudiosos do ensino de Geografia. Foram efetivados trabalhos de campo com o intuito de observar a dinâmica educacional existente no ambiente escolar, como também aplicação de questionários e entrevistas com professores e alunos. Realizou-se o confronto entre o material coletado nos trabalhos de campo e as anotações do trabalho de interpretação do material bibliográfico de apoio que fundamenta o presente estudo. Ao final, apresenta-se um encaminhamento metodológico, fundamentado na construção de uma aula de Geografia significativa, com contribuições a melhoria do processo ensino-aprendizagem desta disciplina.

A construção deste texto é fundamentada em cinco seções que se complementam, sendo a primeira denominada: “Impressões sobre o ambiente escolar E. E. M. ‘Edite Alcântara Mota’”, busca-se tecer algumas considerações sobre o ambiente da escola pesquisada com destaque a descrição da infraestrutura física. A segunda, intitulada: “A formação inicial dos professores de Geografia: Algumas reflexões”, trás uma discussão voltada as dificuldades apresentadas pelos professores em ministrar a disciplina de Geografia, que estão intrinsecamente relacionadas com a formação inicial (não geográfica) de parte dos professores pesquisados.

Na terceira: “As percepções dos alunos sobre a geografia escolar” apresentam-se as dificuldades de compreensão pelos alunos do que vem a ser a Geografia escolar, sendo que essa disciplina é compreendida de forma fragmentada como se fosse o estudo do clima, solo, vegetação, relevo, hidrografia, população e economia. Os estudantes também demonstram que a Geografia de cada dia é caracterizada como disciplina chata, cansativa e enfadonha. A quarta seção denominada: “A construção de uma aula significativa: passos metodológicos” é constituída por uma proposta que visa melhorar a construção e fundamentação da aula de Geografia, efetivada pelos professores pesquisados. E por fim, na quinta seção, são apresentadas as conclusões do presente estudo.

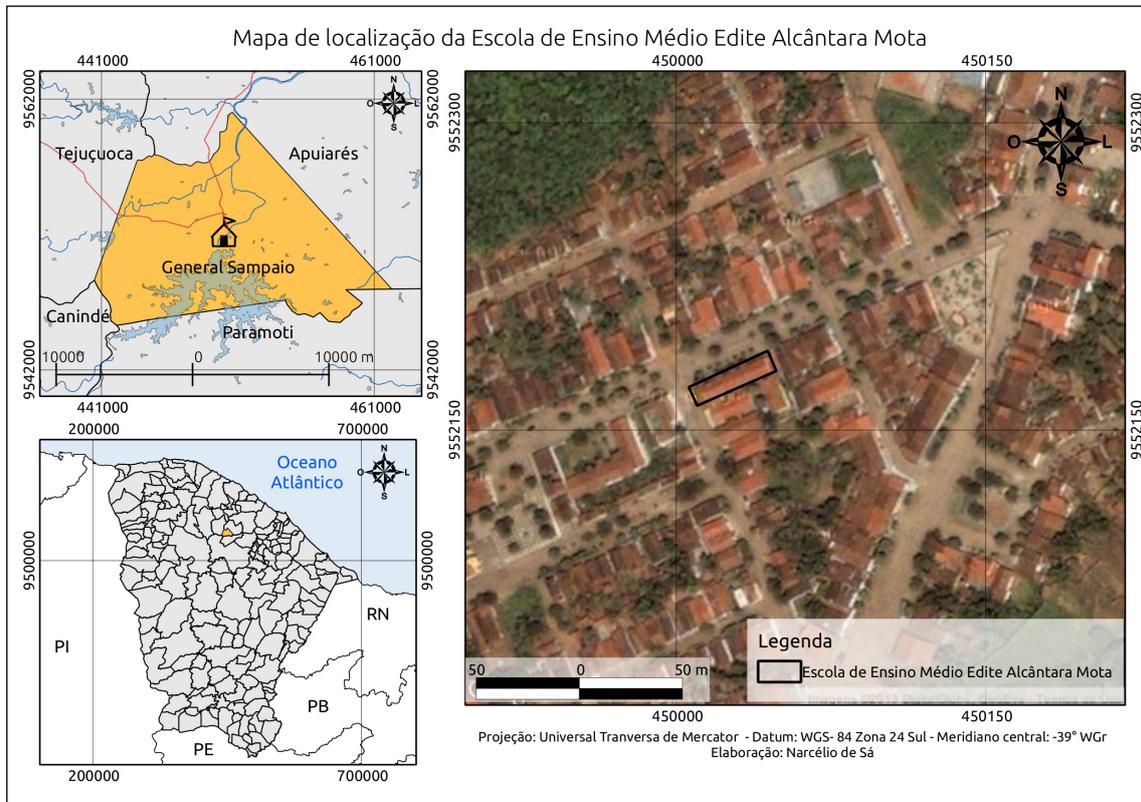
## MATERIAIS E MÉTODOS

### Impressões sobre o ambiente escolar: E. E. M. “Edite Alcântara Mota”

A escola de ensino médio “Edite Alcântara Mota” (**figura 1**), situada na cidade de General Sampaio (CE) é uma instituição de ensino que atende a cerca de trezentos e oitenta estudantes que em sua maioria, são filhos de agricultores, pescadores, funcionários públicos e de pequenos comerciantes, que vêm na educação uma saída para o melhoramento de vida.

A escola possui uma infra-estrutura física constituída por salas de aulas com a lousa a giz, as salas de aulas não possuem uma ventilação adequada, principalmente no período da tarde, o desconforto térmico causa inquietações e fadigas constantes em professores e alunos. Cavalcanti (2002, p. 72) informa que a:

[...] escola é um espaço de encontro e de confronto de saberes produzidos e construídos ao longo da história pela humanidade. A escola lida com a cultura, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares. A geografia escolar é uma das mediações através das quais esse encontro e confronto se dão.



**Figura 1** - Mapa de Localização da Escola de Ensino Médio “Edite Alcântara Mota”.

O espaço de socialização coletiva dos alunos está localizado no pátio coberto da escola, sendo que é voltado para a distribuição da merenda escolar como também para atividades esportivas, como por exemplo, a prática do *ping pong* que é comum no horário do recreio. A escola possui uma sala de informática utilizada frequentemente pelos professores e alunos para a realização de pesquisas sobre as disciplinas estudadas. De acordo com os professores um dos fatores positivos deste espaço diz respeito a sua climatização o que torna o trabalho do professor mais tranquilo.

Outro importante espaço que a escola possui é a sala dos professores destinada ao encontro dos docentes para a socialização contínua de suas experiências, angústias, tristezas e até mesmo desilusões dos professores com o sistema educacional vigente.

A biblioteca é outro espaço de fundamental importância para os estudantes uma vez que dispõe de um rico acervo bibliográfico para pesquisas dos alunos e professores. O fluxo de estudantes na biblioteca é contínuo, muitos estudantes utilizam-se da biblioteca para estudar e realizar pesquisas escolares.

O laboratório de ciências multidisciplinares está em processo de construção. Possui equipamentos didáticos que visam estimular a curiosidade dos alunos como, por exemplo, alguns bonecos anatômicos, que permitem aos alunos a terem maior conhecimento do corpo humano. Possui também equipamentos para aulas de Química como, por exemplo, uma estufa para esterilização dos materiais utilizados.

A **figura 2** é constituída por um mosaico de fotografias que representam parte da estrutura física da Escola de Ensino Médio “Edite Alcântara Mota”.



**Figura 2** - Mosaico de fotografias da estrutura física da Escola de Ensino Médio “Edite Alcântara Mota”.

### A formação inicial dos professores de Geografia e a aula: algumas reflexões

Foram pesquisados 04 professores, sendo que denominados P1, P2, P3, e P4 que lecionam na Escola Estadual de Ensino Médio “Edite Alcântara Mota”. O **quadro 1** demonstra a titulação e experiências dos professores pesquisados. Como se pode observar os dois primeiros professores não possuem Licenciatura em Geografia, pois apresentam formação em história, matemática e física na modalidade Licenciatura, e em pedagogia, com habilitação em língua portuguesa. Dessa forma, pode-se identificar um primeiro problema relacionado ao ensino de Geografia, uma vez que a formação inicial no magistério destes profissionais tem pouco ou nenhuma relação com a Geografia. Então surge uma indagação: quais são as explicações para esse fato?

O professor P3 é formado com Pedagogia em habilitação em História e Geografia. Aqui também se percebe uma carência na formação inicial deste profissional que apresenta dificuldades visíveis no trato do ensino geográfico. Cabe ainda destacar que a formação inicial dos quatro professores foi “aligeirada”, ou seja, se constitui numa formação

de dois anos. Apresentam deficiências, sobretudo relacionadas à carência da pesquisa como instrumento, que busca construir novos conhecimentos; carências de disciplinas didático-pedagógicas e ausência de aulas práticas.

Prof.(a)	Gênero	Idade	Curso	Instituição	Licenciado em	Anos de Experiência	Pós-Graduação
P1	Feminino	22	Licenciatura Específica em História.	Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale Acaraú.	Curso não concluído	3 anos	Não
P2	Masculino	41	Licenciatura Específica em Matemática e Física.	Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale Acaraú.	2004	20 anos	Não
P3	Masculino	38	Pedagogia com habilitação em História e Geografia.	Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale Acaraú.	Curso não Concluído	15 anos	Não
P4	Feminino	30	Pedagogia com habilitação em Língua Portuguesa.	Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale Acaraú.	2008	2 anos	Não

**Quadro 1-** Titulação e experiências do grupo de professores pesquisados.

Estas necessidades não supridas durante a formação inicial destes professores se produzem em suas práticas professorais principalmente em suas aulas, marcadas pela reprodução (leitura) do livro didático. Outro elemento observado no cotidiano escolar, diz respeito à deficiência de compreensão por parte do docente sobre o que vem a ser a pesquisa, o que também reflete no não entendimento dos alunos, que constantemente são levados a realizarem pesquisas no laboratório de informática, sendo que copiam e colam, não tendo o incentivo do professor para buscar a interpretação do que foi lido. Parece até que as idas dos estudantes ao laboratório de informática se constituem em uma válvula de escape do professor que não agüenta mais estar numa sala de aula lendo coletivamente um livro didático com os alunos, buscando dessa forma outro ambiente para a realização da “pesquisa” educacional.

A verificação entre a relação da formação inicial do professor e o ensino de Geografia também foi efetivado por entrevistas realizadas com os quatro professores da escola estudada. Cabe destacar que foram selecionadas algumas perguntas que compuseram as entrevistas para serem analisadas. A primeira pergunta selecionada da

entrevista aplicada aos docentes objetiva entender quais são os motivos que os levaram a escolher o ensino de Geografia. Dentre as respostas pode-se citar:

- Professor P1: “Carência de professores da área de Geografia, na unidade escolar”
- Professor P2: “A facilidade de assimilação do conteúdo pelos alunos, não vou quebrar minha cabeça ensinando cálculo, os estudantes absorvem melhor os conteúdos de geografia”.
- Professor P3: “Gosto pelas questões geográficas”
- Professor P4: “Não escolhi ensinar geografia, estou ensinado essa disciplina por falta de professor habilitado nessa área”

Diante das quatro primeiras respostas entende-se que os professores não possuem “vocaçãõ” como também são “empurrados” para o ensino geográfico pela carência de professores com formação inicial em Geografia. Então surge uma indagação: Onde se encontram os professores de Geografia? Cabe destacar que a afirmação do professor P2 é surpreendente na medida em que seu desejo de ensinar Geografia é justificado pela “facilidade de absorção dos conteúdos pelos alunos” diante de tal realidade, Freire (1987, p. 33) é enfático em afirmar que:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e depósitos que os educando, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis ai a concepção bancaria de educação, em que a única margem de ação em que se oferece aos educandos é a receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los [...] Educador e educandos se arquivam na medida em nesta distorcida visão de educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também.

Com as respostas dos quatro professores pode-se afirmar que eles possuem dificuldades de compreender o ensino de Geografia. Então fica aqui uma indagação: será que o aluno finge que aprende e o professor finge que ensina? Diante do quadro apresentado surge um outro questionamento, como a aula de Geografia é construída e apreendida pelos Professores e Alunos?

Sousa Neto (2008) considera a aula como um momento de construção coletiva entre, o professor aqui tido como educador, juntamente com os estudantes, propiciando a construção de uma aprendizagem geográfica significativa. Mas, o que é a aula? Será que é a leitura do livro didático? Será que é uma palestra ministrada pelo professor? Como podemos construir uma Aula Significativa? Essas perguntas advêm de percepções empíricas referentes às aulas observadas na escola estudada. Sousa Neto (2008, p. 19) esclarece que:

As aulas são para mim aquele momento e lugar em que devemos dar o melhor de nós e despertar o que há de melhor nos outros. A aula como

celebração da vida e não da morte, como diálogo criativo, como vir-a-ser e não como tendo sido sempre, como luta contra tudo aquilo que nos oprime e não com entrega ao que nos oprime.

O **quadro 2** é composto por uma síntese das observações realizadas durante as aulas de Geografia. Analisa-se a utilização de mapas, o uso do livro didático e a utilização da lousa.

Prof.(a)	Uso do Mapa	Uso do Livro Didático, relação Professor-LD	Uso da Lousa
P1	Praticamente inexistente, utilizou apenas uma vez e rapidamente, sendo que demonstrou a localização da região Nordeste.	Frequente. Pode-se perceber que há uma total dependência do LD (Ocorre a leitura do Livro em sala de aula).	No geral não foi utilizado. Quando usado é só para escrever as atividades para casa.
P2	Não utilizou o mapa em nenhuma das aulas observadas.	Frequente. Há um total apego ao LD, é através do mesmo que a aula é construída e desenvolvida. (Ocorre a leitura do livro em sala de aula).	O quadro não foi utilizado de nenhuma forma pelo professor.
P3	Não utilizou o mapa em nenhuma das aulas observadas.	Frequente. Pode-se perceber um total apego ao LD (Ocorre a leitura do livro em sala de aula).	O quadro não foi utilizado de nenhuma forma pelo professor.
P4	Não utilizou o mapa em nenhuma das aulas observadas.	Frequente. Pode-se perceber um total apego ao LD (Ocorre a leitura do Livro em sala de aula).	O quadro foi utilizado para copiar atividades que os estudantes iriam responder.

**Quadro 2** - Uso do Mapa; do Livro Didático e da Lousa.

Conforme se observa, os mapas são poucos explorados em sala de aula apesar de ser um instrumento didático importante no ensino de geografia, pois é através dele que o estudante compreende e desenvolve capacidades sobre a representação espacial, os professores ainda utilizam esse instrumento como se fosse um conteúdo. A esse respeito Kaercher (2009, p. 228) afirma que:

Pode ser paradoxal, mas se usa pouco o mapa nas aulas de Geografia. E, curiosamente, para a maioria das pessoas Geografia faz lembrar [...] mapas. Os motivos podem, inclusive, escapar ao nosso controle, as escolas nem sempre estão bem equipadas. E outra característica: trabalha-se mais “projeções cartográficas (que tende a ser chato) do que significado, interpretação e/ou construção de mapas. Mapa vira um “conteúdo” cristalizado, um produto pronto.

Quando foi utilizado percebeu-se que a professora P1 possuía dificuldades em explicar os elementos básicos constituintes do mapa como: título, escala, legenda, fonte, coordenadas. Neste caso o mapa foi utilizado apenas para a localização das sub-regiões presentes no nordeste brasileiro, conteúdo trabalhado no dia da aula observada.

Com relação à utilização do livro didático pelo professor verificou-se que os quatro primeiros possuem um forte apego ao livro, então surge uma indagação: O que faz o professor elaborar e executar uma aula baseada na reprodução dos conteúdos que estão presentes no livro didático? Sousa Neto (2008 p. 25) informa “se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduzirão exatamente aquilo que está colado nas páginas”. Através de observações realizadas nas salas de aula consta-se a existência dessa realidade presente nas aulas ministradas pelos professores.

A aula é construída e desenvolvida com a leitura coletiva do livro didático pelos alunos e professores, o que incentiva o desinteresse em muitos estudantes que vem a aula de Geografia como algo fúnebre sendo chata, cansativa e enfadonha. A esse respeito:

[...] ser um pesquisador, no caso do profissional do ensino fundamental e médio, implica deter autonomia intelectual. Ou seja, o professor deve ser capaz de organizar o seu curso e planejar novas experiências e projetos de aprendizagem sem depender de uma fonte exclusiva, como por exemplo, o livro didático. Possuir autonomia não quer dizer “trabalhar isolado” ou desconsiderar as fontes de referências bibliográficas, mas saber se movimentar no universo dos livros e correntes de pensamento que constituem o patrimônio intelectual e científico das diversas disciplinas e áreas do conhecimento (NAPOLITANO, 2003, p. 45).

É necessário que os professores dêem significado à utilização do livro didático, nesse sentido, não adianta apenas os docentes quererem terminar os conteúdos que estão contidos nos livros, faz-se necessário tornar os conteúdos geográficos mais inteligíveis e significativos, o que acarreta numa na efetivação de uma prática que supere a simples reprodução dos conteúdos inseridos nos livros. Ao discutir a importância do livro didático Libâneo (1994, p. 78) afirma que:

[...] O livro didático é necessário, mas por si mesmo ele não tem vida. É um recurso auxiliar cujo uso depende da iniciativa e imaginação do professor. Os conteúdos do livro didático só ganham vida quando o professor os toma como meio de desenvolvimento intelectual, quando os alunos conseguem ligá-los com seus próprios conhecimentos e experiências, quando através deles aprendem a pensar com a própria cabeça. Além disso, é mais importante uma aprendizagem sólida e duradoura daquilo que se ensina do que adquirir um grande volume de conhecimentos.

Diante do exposto sobre a aula de Geografia como sinônimo de leitura do livro didático, é necessário verificar a relação Professor-Aluno (P-A). A palavra disciplina aqui é usada no sentido estrito: há um bom ambiente de trabalho, há respeito entre P-A, relativo silêncio? Esse respeito é acordado, pactuado ou mantido sob vigilância mais repressiva? As relações P-A são tensas ou não? Os alunos estão atentos (At), gostando (G)? Embora pareçam subjetivas, as impressões abaixo não devem ser tomadas isoladamente nem ao “pé da letra”. Mas no conjunto, fornecem boas indicações da relação P-A e do ‘clima’ da sala

de aula. O **quadro 3** demonstra uma síntese de observações referentes à interação Professor-Aluno (P-A): aspecto disciplinar.

Prof.(a)	Dificuldades com a Disciplina (aspectos gerais)	Interação Professor Aluno	Alunos At? G?
P1	Apresenta dificuldades em ministrar a disciplina, desconhece as categorias de análise da Geografia, não possui domínio sobre o conteúdo ensinado; a aula é construída com a reprodução do livro didático. Grande apatia e desânimo.	Relação amigável, porém os estudantes mostram-se dispersos. A Professora pergunta e ela mesma responde. Explicações são muito rápidas e simplificam demais porque dão todas as respostas sem que os alunos precisem pensar juntos.	At? N G ? N
P2	Apresenta dificuldades em ministrar aulas de Geografia, não possui o domínio dos conteúdos, possui deficiências didáticas. A disciplina ministrada é uma cópia do livro didático.	Relação amigável. Os estudantes mostram-se dispersos, impacientes. A intenção, parece, é deixar o tempo passar, onde o Professor nunca os incentiva os estudantes a nada. O professor fica sentado atrás de seu birô imóvel.	At ? N G ? N
P3	Possui dificuldades para ministrar a disciplina de Geografia. É perceptível que o professor ministra a disciplina de Geografia através da leitura do Livro didático.	Relação é tensa. O professor pede aos alunos que façam a leitura do livro, porém estes conversam continuamente. Xingamentos são comuns e ineficazes. Às vezes, o rancor impera.	At? N G ? N
P4	Apresenta dificuldades em ministrar a disciplina de Geografia, sendo que a professora desconhece noções básicas sobre Geografia. Percebe-se a aula como sinônimo da reprodução do livro didático.	A relação é amigável. O marasmo e o desânimo são facilmente perceptíveis. Muitas vezes o ambiente é desolador, deprimente até. Alunos indiferentes ao professor. Parece que os alunos não existem: se o professor faz perguntas, não espera as respostas. O professor, no entanto, crê que são participativos.	At ? N G ? N

**Quadro 3** - Interação Professor-Aluno: Aspecto Disciplinar.

Com relação à interação entre professor e aluno é perceptível uma relação amigável, porém, é notória a indisciplina da grande maioria dos estudantes, pois isso reflete a pouca importância que a Geografia tem como componente curricular, os estudantes apresentam-se dispersos, alguns adormecem, outros conversam e fazem leituras paralelas ao que está sendo trabalhado na sala de aula. Frente a esse quadro, como pode haver uma construção coletiva da aula se o estudante não percebe nenhum significado na aula de Geografia?

A única relação tensa observada ocorreu entre o professor P4 e uma de suas turmas que já saturada pelas mesmas aulas, ou seja, a leitura do livro didático se estabeleceu um caos generalizado na sala, ao ponto de o professor não conseguir dialogar. Então, diante do descontrole total, na maior parte do tempo o professor deixa a bagunça fluir, faz de conta que está tudo normal e continua a leitura “coletiva”, que é interrompida quando alguns estudantes correm de um lado para o outro na sala de aula, então começam os xingamentos rotineiros. Freire (1996, p. 60) esclarece: “o professor que se exime do

cumprimento de seu dever de por limites a liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência”.

Tal realidade levaria a afirmar que esse professor não possui domínio de turma. Resposta esta simplória e vulgar, quando na realidade as razões da indisciplina na sala de aula transcendem todo esse entendimento de ser simplesmente explicada pela “falta de domínio da turma”. Estaria na competência do professor de Geografia ensinar que não pode xingar o colega? Que é falta de educação correr de um lado para o outro dentro da sala de aula enquanto o professor fala ou o colega? Que é falta de respeito ignorar a fala do outro, simplesmente baixar a cabeça e dormir? Afinal, é de competência da escola ensinar tudo? E a família? Qual o seu papel diante da educação? Ao discutir a relação entre a família e a escola Tedesco (2008, p. 35-36) afirma que:

[...] um dos problemas mais sérios que enfrenta, atualmente, a formação do cidadão é o que podemos chamar de “déficit de socialização” que caracteriza a sociedade atual. Vive-se num período em que as instituições educativas tradicionais – e em especial a família e a escola – estão a perder a capacidade de transmitir, eficazmente, valores e modelos culturais de coesão social [...]. O processo de socialização divide-se, classicamente, em duas fases: a socialização primária e a socialização secundária. Berger e Luckman, no seu livro sobre a construção social da realidade, definiram a socialização primária como a fase em que o indivíduo atravessa na infância e mediante a qual se converte em membros da sociedade. A socialização secundária, por sua vez, é todo o processo posterior que incorpora o indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo da sua sociedade. A socialização primária – que normalmente se dá no seio da família – costuma a ser mais importante para o indivíduo...As análises do processo de socialização permitem avaliar que as duas características mais importantes da socialização primária são a carga afetiva, com que se transmite os seus conteúdos, e a identificação absoluta com o mundo tal como ele é proposto pelos adultos.

A relação e interação entre professores e alunos se constitui num importante aspecto das manifestações dos aspectos afetivos e emocionais como também orienta constantemente o docente a melhorar sua prática, tendo em vista:

[...] alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividade individual, atividade coletiva, atividade em pequenos grupos, atividade fora da classe, etc.) (LIBÂNEO, 1994, p. 249).

Diante do quadro relatado torna-se possível observar algumas características recorrentes acerca das aulas de Geografia que foram observadas, dentre elas destaca-se as seguintes:

- Falta de entendimento quanto ao que vem a ser o ensino de Geografia;

- Desrespeito aos conhecimentos prévios e experiências adquiridas pelos alunos;
- Excessiva exploração de materiais didáticos, os distribuídos aos alunos, a aula construída e desenvolvida com reprodução do livro didático;
- Baixa exigência/exploração do potencial cognitivo dos alunos;
- Ação do monólogo geralmente fomentado pelo professor que elabora muitas questões sem fazer sínteses parciais dificulta que o aluno acompanhe o seu raciocínio;
- Foi perceptível a deficiência nas aulas expositivas: a ação do professor como protagonista, como organizador e mediador do conhecimento é bastante reduzida.

De acordo com Helena Callai em sua tese intitulada: *Geografia um certo espaço, uma certa aprendizagem* alguns pontos convergem com as análises desenvolvidas neste trabalho, podendo-se citar:

Ao ter que encarar os alunos e ter que dar conta das atividades em sala de aula é que o professor perceberá todas as nuances do seu trabalho, e aí sim, os problemas se colocam em sua devida dimensão. Os problemas poderão até ser comuns a muitas situações, mas com certeza as soluções específicas para cada uma delas não são homogêneas. Daí que os treinamentos e reciclagens são muito pouco eficazes, que dificilmente conseguirão dar conta dos problemas dos professores e muito menos dos alunos destes professores em seu processo de ensino-aprendizagem. Entendo que a renovação do ensino em sala de aula se resolverá na medida em que buscarmos a verdadeira formação plena do professor, inserido num contexto de discussão através d chamada integração do terceiro com o primeiro e segundo graus. No entanto, o terceiro grau não pode querer com assessorias sanar as dúvidas que o aluno da universidade dentro dela não conseguiu dar conta, não pode também querer fazer complementações de conteúdos que não tenham sido suficientemente esgotados e nem dar receitas de como proceder (CALLAI, 1995, p. 269).

Callai (*op. cit.* p. 269) ainda nos informa o seu entendimento sobre a relação que deve ser efetivada entre o primeiro, segundo e terceiro grau. Nesse sentido ela afirma que:

Entendo que o papel do terceiro grau nesta dinâmica é de pensar junto com os professores do EFM, no sentido de que tenham os elementos necessários para teorizar a sua prática, de se atualizar tanto em conteúdos específicos, como nos aspectos pedagógicos. A dinâmica pedagógica que se estabelece então é a da discussão, e muitas vezes discussões teóricas sim, mas a partir da atividade prática realizada pelo professor. É a discussão das diversas realidades e o encaminhamento dos problemas que o professor enfrenta no seu dia-a-dia, na sala de aula. É a busca do planejamento conjunto e coerente com a realidade da escola e dos alunos. Não há soluções prontas, mágicas, que darão certo a priori. É a participação efetiva do professor questionando a sua prática, as suas dúvidas e as suas certezas que vai levar às soluções. A construção coletiva de propostas alternativas adequadas às diversas realidades e é a única forma de se realizar um ensino conseqüente, que busca de fato a formação do cidadão, entendendo aqui o professor e também o aluno deste professor.

Diante da realidade observada pode-se perceber a existência da falta de clareza para alguns professores, e, por conseqüência para os alunos, acerca do que se deseja ao

ensinar Geografia no ensino médio, depreende-se que isso se deve a pobreza cognitiva e reflexiva da disciplina de Geografia escolar ministrada. Diante deste contexto deve-se colocar em cena as percepções dos alunos pesquisados acerca da Geografia escolar vivenciada a cada dia.

### **As percepções dos alunos sobre a Geografia Escolar**

Destacam-se as percepções referentes à Geografia escolar, sendo que foi verificado as respostas de seis turmas do ensino médio da Escola “Edite Alcântara Mota”. Respostas estas advinda da aplicação de questionário aos estudantes contendo as seguintes perguntas: 1) O que você entende por geografia? 2) Quais são as contribuições da Geografia no seu cotidiano? 3) Você gosta da aula de Geografia ministrada pelo professor de geografia?. Nesse contexto Cavalcanti (2002, p. 33) destaca que:

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, tralharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios; vão formando assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construir geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem, que são conhecimentos geográficos.

De acordo com as respostas obtidas, os alunos do 1º Ano D desconhecem o conceito básico de Geografia. Para estes a Geografia é sinônimo de: paisagem, território, clima, relevo, planeta, natureza e aquecimento global. Considera-se que essa fragilidade conceitual deve-se em grande parte a má formação do professor (P2), pois este apresenta dificuldades em definir o que é Geografia, constatação esta coerente uma vez que a inicial deste docente é em Pedagogia com especialização em Matemática e Física.

A Geografia não se limita somente a memorização de nomes de países e capitais, não é apenas a leitura e interpretação de mapas, nem muito menos o estudo individualizado dos conceitos e categorias de análise da ciência geográfica. Nesse sentido Seabra (2007, p. 9) é enfático em afirmar, “Pensar geograficamente o mundo é compreender suas contradições: um mosaico de paisagens, hábitos e costumes que reflete a natureza adversa das coisas”. No que se refere às contribuições da Geografia Escolar, no cotidiano dos estudantes, as respostas fazem alusão, sobretudo, a conservação e preservação ambiental, tanto em um nível global como também local e ao conhecimento da cidade. A maioria dos estudantes desta turma afirma gostar da aula de Geografia justificando que o professor explica bem a matéria. Já os estudantes que não gostam da aula relatam que é monótona e baseada apenas na leitura do livro didático, outros informam que o professor não esclarece as dúvidas que surgem ao decorrer das aulas.

Na turma do 1º Ano C uma parcela dos estudantes sempre se referem a Geografia ao estudo do espaço geográfico, sendo que a grande maioria percebe a Geografia escolar como um estudo fragmentado, onde a disciplina é caracterizada como o estudo das rochas, lugares, regiões, territórios, plantas e globalização. Ficou também perceptível que os estudantes em sua grande maioria sempre relacionam a Geografia escolar aos últimos conteúdos estudados nas aulas. Já as percepções dos estudantes referentes à Geografia e ao cotidiano sempre estão ligadas ao clima, vegetação, orientação geográfica, e a geração de empregos.

Ainda com relação à aula do professor P2 a maioria dos estudantes afirma que gostam da aula, porém com justificativas diferenciadas tendo alguns alunos que gostam da aula, porém não entendem os conteúdos ministrados, gostam, mas sentem uma carência de explicação dos conteúdos por parte do professor P2. Já os estudantes que não gostam da aula afirmam que constantemente o professor “foge” do assunto que está sendo trabalhado. Pode-se observar esse acontecimento através de observações de algumas aulas do professor P2 sendo que estavam sendo discutidas as características da região Nordeste, é perceptível que ao mesmo tempo ele faz uma explanação sobre o município inserido na região. Foi uma verdadeira confusão, pois não foi possível entender as “contextualizações” sugeridas pelo professor.

Os estudantes do 2º Ano A entendem a Geografia escolar fundamentada sob dois aspectos principais, sendo que primeiramente destaca-se um estudo físico dos aspectos gerais do planeta: clima; vegetação e relevo (mais uma vez parte dos estudantes compreende uma Geografia fragmentada). Já o segundo grupo de respostas analisadas relaciona esta matéria ao estudo do espaço geográfico que é sempre citado como o espaço local onde as relações cotidianas se desenvolvem.

As contribuições da Geografia que são percebidas pelos estudantes geralmente estão ligadas a compreensão de climas, e contribuições para o desenvolvimento do município. Cabe destacar que para grande maioria da turma, a Geografia cotidiana serve para visualizar como os governantes e autoridades públicas estão agindo para melhorar a vida da população que habita o município de General Sampaio.

Grande parte da turma não gosta da aula de Geografia, sendo as respostas justificadas na excessiva exposição oral (constituindo-se na leitura e reprodução dos conteúdos que estão inseridos no livro didático) realizada pela professora P1. Cabe também destacar outro problema levantado pelos estudantes que diz respeito à falta de aulas práticas. Os estudantes encontram-se cansados e exauridos com a efetivação de aulas monótonas, sendo que ficam todo o tempo de aula escutando a professora. É necessário

que no ensino o professor construa ligações entre teoria e prática que certamente tornarão os conteúdos mais próximos dos alunos. Com isso:

O estudo dos conhecimentos sistematizados e a aquisição de habilidades e hábitos decorrem das exigências e necessidades da vida prática, isto é, preparação dos indivíduos para o mundo do trabalho, para a cidadania, para a participação nos vários setores da vida social. Dominar conhecimentos e habilidades é saber aplicá-los, tanto nas tarefas escolares como nas tarefas da vida prática. Os conhecimentos, portanto, servem não só para explicar os fatos, acontecimentos e processos que ocorrem na natureza, na sociedade e no pensamento humano, mas também para transformá-los (LIBANÊO, 1994, p. 157).

Já os estudantes que gostam da aula afirmam que a professora P1 se esforça para ministrar os conteúdos de forma que todos entendem como também aprofunda a explicação dos conteúdos vistos em sala de aula.

Parte dos estudantes que compõem a turma do 2º Ano B entende a Geografia como o estudo do espaço geográfico. Porém, grande parte dos estudantes respondeu que sente dificuldade de entender o que é Geografia, sendo verificado através das respostas que a referida disciplina não é importante para estes estudantes, sobretudo porque o professor P3 possui limitações sobre o entendimento do que vem a ser a disciplina.

As contribuições geográficas para o cotidiano dos estudantes sempre estão relacionadas à compreensão do clima como também da localização geográfica no município. Pode-se também destacar respostas confusas. Como por exemplo: “*Em várias matérias história e muitos outras (Aluna 2º Ano B) e Em outras matérias como na matemática, química e física*” (Aluna 2º Ano B).

Com relação à aula ministrada pelo professor P3, à maioria dos estudantes gosta da aula com afirmações fundamentadas na qualidade da explicação dos conteúdos ministrados pelo docente em questão, tem-se também a discussão dos assuntos que são colocados em pautas. Já os demais estudantes que não gostam da aula do professor afirmam que o mesmo não possui domínio do conhecimento como também a aula é descontextualizada, os estudantes ainda percebem que o professor P3 por não ter a formação em Geografia sente dificuldades de explicar os conteúdos.

A turma do 3º Ano A sempre relaciona a Geografia a matéria que estuda os países, o mundo, populações, industrializações, estuda também a pobreza, clima e região. Porém deve-se destacar que a concepção de alguns estudantes acerca de Geografia é fortemente marcada pelas noções de história, isso ocorre devido à professora P1 possui a formação inicial em História. Como se pode observar nas seguintes respostas: “*Eu entendo que a Geografia relata muito sobre as coisas que aconteceram no passado e hoje no nosso cotidiano*” (Aluna 3º A), e Entendo por Geografia que é o estudo do que já aconteceu, como

foi e o porquê aconteceu e assim compararmos com o mundo de hoje (Aluna 3° A). Os estudantes sempre relacionam a importância da Geografia em seus cotidianos ao melhor conhecimento da cidade onde habitam, como pode-se visualizar as seguintes respostas dos estudantes.

Com relação à aula de Geografia parte dos estudantes afirmaram que gostam da aula, porém deveria ser melhor ministrada didaticamente pela professora P1: Já os estudantes que afirmaram não gostar da aula de Geografia justificam suas respostas criticando a metodologia de ensino (leitura do livro didático) utilizado pela professora P1.

A última turma pesquisa do Ensino médio da escola “Edite Alcântara Mota” corresponde ao 3° Ano B que sempre relaciona a Geografia ao estudo dos solos, mapas, populações, cidades, crosta terrestre, natureza, previsão de tempo; como também matéria que estuda o meio ambiente e o comportamento humano.

As contribuições da Geografia para o cotidiano dos estudantes versam sobre o entendimento da natureza e do meio ambiente, da destruição, como por exemplo: desmatamento, poluição ambiental. No que tange a aula de Geografia, os estudantes que gostam da aula, afirmam que a professora explica de forma adequada os conteúdos. Já a parcela dos estudantes que informa não gostar da aula de Geografia, afirmam que é cansativa, monótona e baseia-se na leitura do livro didático.

A compreensão das turmas do Ensino Médio acerca do que vem a ser Geografia sempre está relacionada com as disciplinas e categorias de análise que compõem a Ciência geográfica. De acordo com o contexto exposto é possível afirmar que a Geografia é compreendida como matéria multidisciplinar. A esse respeito Suertegaray (2003) faz uma reflexão acerca dessa compartimentação entre Geografia física e Geografia humana com seus setores, então como o professor poderia construir uma Geografia conjuntiva a partir destes fragmentos?

Se de um lado ainda trabalhamos com o recorte do espaço geográfico, de outro acreditamos que esses recortes poderão mais unir o discurso geográfico, do que separar. Isto porque cada um deles enfatiza uma dimensão da complexidade organizacional do espaço geográfico: o econômico/cultural (na paisagem), o político (no território), a existência objetiva e subjetiva (no lugar) e a transfiguração da natureza (no ambiente). Não obstante, nenhum deles prescinde das determinações expressas em uns e em outros. Por outro lado, acreditamos que conceber esta como uma das possibilidades analíticas da Geografia, tende a nos permitir a diferença de enfoques, ao mesmo tempo em que nos articula pelas conexões derivadas da fronteira tênue entre cada um desses conceitos (SUERTEGARAY, 2003, p. 50).

A partir das reflexões realizadas por Suertegaray (2003) pode-se visualizar o desafio à prática do professor que terá de unir, contextualizar e estabelecer conexões entre

os fragmentos e recortes da Geografia, tendo por intuito principal tornar está matéria escolar mais inteligível e compreensível para os alunos. Dessa forma creio que a nossa geografia de cada dia tenha sentido para os alunos tanto na busca de conhecimentos sólidos como também aplicação do que foi aprendido na prática cotidiana.

### **A construção de uma aula significativa: passos metodológicos**

Na organização escolar a aula constitui-se a principal dimensão para na busca da aprendizagem. Devido a essa grande importância conferida à aula, surge uma indagação, como o professor pode construir uma aula que tenha e faça sentido, ou seja, uma prática educativa que seja compreendida pelos agentes que estão envolvidos na prática da aula? A esse respeito Libâneo (1994, p.178) afirma que:

Devemos entender a aula como o conjunto dos meios e condições pelos quais o professor dirige e estimula o processo de ensino em função da atividade própria do aluno no processo de aprendizagem escolar, ou seja, a assimilação consciente e ativa dos conteúdos. Em outras palavras, o processo de ensino, através das aulas, possibilita o encontro entre os alunos e a matéria de ensino, preparada didaticamente no plano de ensino e nos planos de aula.

As aulas devem ser construídas e executadas através do planejamento, instrumento este que deve ser flexível tendo em vista que o professor irá encontrar situações didáticas diferenciadas em suas turmas. Nas próximas linhas procura-se demonstrar e discutir a importância da estruturação didática da aula como forma de organização e execução da aula significativa. A primeira etapa diz respeito sobre a Preparação e introdução da matéria.

Antes de entrar na classe e iniciar a aula, o professor precisa preparar-se através de um planejamento sistemático de uma aula ou conjunto de aulas. A preparação sistemática das aulas assegura a dosagem da matéria e do tempo, o esclarecimento dos objetivos a atingir e das atividades que serão realizadas, a preparação de recursos auxiliares do ensino. (LIBÂNEO, 1994, p. 181)

O professor deve estimular seus alunos a emitir opiniões sobre o que estão aprendendo, é necessário que estes consigam fazer as ligações e conexões entre os conteúdos estudados e o cotidiano. É importante também destacar que ao introduzir a matéria o professor deve informar os objetivos daquele conteúdo o que certamente ajudará os alunos a perceberem os resultados que visam atingir.

Dada a suma importância dos objetivos da direção e controle da atividade do professor e dos alunos, eles devem ser recordados em todas as etapas do ensino. Esse cuidado auxilia a avaliação diagnóstica, assim como evita a dispersão, impedindo que aspectos secundários tomem conta do essencial no desenvolvimento do plano de unidade. (LIBÂNEO, 1994, p. 183)

A segunda etapa versa sobre o tratamento didático da matéria nova sendo que o aluno deve ser orientado a aguçar sua percepção referente a objetos e fenômenos ligados ao tema que está sendo estudado, a formação de conceitos, ao desenvolvimento das capacidades cognoscitivas de observação, imaginação e de raciocínio. Nesse contexto:

A percepção, que é um processo de trazer coisas, fenômenos e relações para a nossa consciência, é a primeira familiarização do aluno com a matéria, formando na sua mente noções concretas e mais claras e ligando os conhecimentos já disponíveis com os que estão sendo assimilados. Os alunos são orientados para perceber objetos reais, assimilar as explicações do professor, reavivar percepções anteriores, observar objetos fenômenos no seu conjunto e novas relações com os outros objetos e fenômenos, confrontar noções do senso comum com os fatos reais. Enfim, trata-se de trazer á expressar opiniões, formando na sua mente noções concretas e mais claras dos fatos e fenômenos ligados a matéria, para chegar a elaboração sistematizada na forma de conhecimentos científicos. (LIBÂNEO, 1994, p. 184-185)

Com o intuito de propiciar o diálogo entre os alunos e conteúdos ministrados, o professor deve incentivar seus alunos a se expressarem como, por exemplo, perguntar sobre o que eles sabem sobre o assunto abordado, levá-los a discutir sobre os objetos e fenômenos observados, expor um problema prático com solução possível ao se estudar a matéria nova, incentivar a constante ativação da curiosidade dos alunos acerca da matéria estudada. Ressalta-se que o professor deve utilizar-se do quadro para anotar e sistematizar as informações proferidas pelos alunos. Esses conhecimentos devem ser organizados e fixados na mente dos alunos orientando-os nas situações concretas de estudo e, sobretudo da vida. Isso diz respeito à terceira etapa que corresponde à consolidação e aprimoramento dos conhecimentos e habilidades, onde o professor deve estar atento a importância das tarefas e exercícios de fixação do que foi aprendido.

[...] a consolidação dos conhecimentos e da formação de habilidades e hábitos incluem exercícios de fixação, a recapitulação da matéria, as tarefas de casa, o estudo dirigido; entretanto, dependem de que os alunos tenham compreendido bem a matéria e de que sirvam os meios para o desenvolvimento do pensamento independente, do raciocínio e da atividade mental do dos alunos. Por essa razão, as tarefas de recordação e sistematização, os exercícios e tarefas, devem prover o aluno oportunidades de estabelecer relações entre o estudado e situações novas, comparar os conhecimentos obtidos com os fatos da vida real, apresentar problemas ou questões diferentemente da como foram tratadas no livro didático pôr em prática habilidades e hábitos decorrentes do estudo da matéria. (LIBÂNEO, 1994, p. 188)

A quarta etapa denomina a aplicação visa fornecer aos alunos formas mais criativas de se trabalhar com os conhecimentos com a junção contínua da teoria e prática com a aplicação dos conhecimentos na própria pratica escolar como também na vida social. Nesse sentido, está etapa possui o objetivo de:

[...] estabelecer vínculos dos conhecimentos com a vida, de modo a suscitar independência de pensamento e atitudes críticas e criativas expressando a sua compreensão da prática social. Ou seja, a função pedagógico-didática da aplicação é a de avançar da teoria à prática, e colocar os conhecimentos disponíveis a serviço da interpretação e análise da realidade. (LIBÂNEO, 1994, p. 189)

Os alunos têm o constante desafio de expressarem os conhecimentos sistematizados com a vida prática, o professor como agente mediador no processo educativo deve realizar:

[...] formulação clara de objetivos e adequada seleção de conteúdos que propiciem conhecimentos científicos, noções claras sobre o tema em estudo, sistematização de conceitos básicos que forma a estrutura dos conhecimentos necessários à compreensão de cada tema; ligação dos conteúdos da matéria aos fatos e acontecimentos da vida social e aos conhecimentos e experiências da vida cotidiana dos alunos, de modo que a realidade social concreta suscite problemas e perguntas a serem investigados no processo de transmissão/assimilação da matéria e em relação aos quais se dá a aplicação de conhecimentos. (LIBÂNEO, 1994, p. 189-190)

A quinta etapa construtora da aula significativa é intitulada controle e avaliação dos resultados escolares. A concepção de avaliação deve ser levada em conta o caráter contínuo e sistemático do processo de avaliação, dessa forma torna-se necessário que o professor perceba se os objetivos em que se cumprem as exigências dos domínios dos conteúdos, a partir dos parâmetros de desempenho escolar. Para tanto devem ser utilizados instrumentos e procedimentos de mensuração como, por exemplo, observação, provas, testes, exercícios teóricos e práticos e tarefas.

A avaliação cumpre, ao menos, três funções. A função pedagógica didática se refere aos objetivos gerais e específicos, bem como aos meios de condições de atingi-los, uma vez que estes constituem o ponto de partida e os critérios para as provas e demais procedimentos avaliativos. A função diagnóstica se refere à análise sistemática das ações do professor e dos alunos, visando detectar desvios e avanços do trabalho docente em relação aos objetivos, conteúdos e métodos. Através desta função, a avaliação permeia todas as fases de ensino, assegurando o seu aprimoramento permanente, possibilitando o cumprimento da função pedagógico-didática. A função de controle se refere à comprovação e à qualificação sistemática dos resultados da aprendizagem dos alunos, face a objetivos e conteúdos propostos. Através desta função, são coletados os dados sobre o aproveitamento escolar que, submetidos a critérios quanto à consecução de objetivos, levam a expressar juízos de valor, convertidos em notas e conceitos. (LIBÂNEO, 1994, p. 190)

Convém também destacar que a tarefa para casa constitui-se em um valioso complemento didático para a consolidação dos conhecimentos apreendidos na aula.

Entre a tarefa de casa e a aula não pode existir separação. Não é correto que as tarefas de casa contenham exercícios cuja matéria não foi devidamente trabalhada em sala de aula. Quando isso acontece, as crianças ficam inseguras e os pais acabam tendo que ocupar o lugar do professor, o que não é certo; mesmo porque a maioria dos pais das

crianças da escola pública não dispõe de conhecimentos para auxiliar nas tarefas. As tarefas para casa devem ser relacionadas com os objetivos da aula, sendo uma modalidade de trabalho independente; o principal trabalho didático deve, pois, ser realizado na aula. (LIBÂNEO, 1994, p. 192-193)

Diante do exposto sobre a estruturação didática da aula, torna-se necessário continuar a perceber a dimensão política e técnica que estão inseridas no processo de ensino e aprendizagem contidos nas aulas. Neste sentido Candau (2010, p. 14) afirma que “o processo de ensino-aprendizagem, para ser adequadamente compreendido, precisa ser analisado de tal modo que articule as dimensões humana, técnica e político social”. Para que se tenha planejamento e execução da aula significativa é necessário que o professor antes de estar disposto a dar respostas deve fazer a si mesmo uma série de perguntas, a saber: a quem ensinar? O que ensinar? Quando ensinar? Como ensinar? Logo de início o professor necessita conhecer os seus alunos (a quem ensinar) nas dimensões cultural, étnica, social, política, ou seja, atentar para as diferenças que se encontram na sala de aula, pois:

Ensinar em uma escola de maioria judia, não é o mesmo que ensinar em outra com maioria palestina [...] Ensinar crianças não é o mesmo que ensinar para adultos [...] Ensinar na periferia para jovens trabalhadores, não é o mesmo que ensinar para jovens que construíram suas relações sociais nos *shopping centers* [...] Ensinar a trabalhadores rurais é uma opção política diferente a ensinar filhos dos empresários da soja. (SOUSA NETO 2008, p. 24)

O professor então logo de início faz sua opção política no momento em que se compromete em ensinar. A esse respeito Candau (2010, p.16), alerta que o:

[...] processo de ensino e aprendizagem é “situado”, a dimensão político-social lhe é inerente. Ele acontece sempre numa cultura específica, trata com pessoas concretas que tem uma posição de classe definida na organização em que vivem. Os condicionamentos que advêm desse fato incidem sobre o processo de ensino e aprendizagem. A dimensão político-social não é um aspecto do processo de ensino-aprendizagem. Ela impregna toda a prática pedagógica que, querendo ou não (não se trata de uma decisão voluntarista), possui em si uma dimensão político-social.

Após o professor ter o conhecimento inicial da turma, surge a segunda indagação: o que ensinar? Esta exige uma sólida formação profissional para que o docente consiga fomentar uma crítica contínua, como também despertar a curiosidade nos estudantes. Para tanto é necessário uma formação inicial qualificada tendo em vista que:

Se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduzirão exatamente aquilo que está colado as páginas [...] Exige um duro trabalho de pesquisa, baseado em uma crítica imanente e contínua, que não aceita nenhum conhecimento a priori e por isso que saber sempre a origem do discurso e as suas mais variadas finalidades. (SOUSA NETO, 2008, p. 26)

O reconhecimento da turma em suas dimensões e uma formação profissional qualificada do professor são dois passos importantes para a construção de uma aula significativa, sendo que o docente necessita refletir sobre: quando ensinar?

Essa é uma pergunta que nos obriga a pensar o tempo continua e descontinuamente. Continuamente porque há uma seqüência cumulativa no processo de aprendizagem: aprende-se isso e depois aquilo, a pedra e depois a roda, a roda e depois as asas, as asas e depois os tuneis do tempo. Entretanto há também o tempo descontínuo que se impõe vez ou outra, no sentido que há coisas, processos que se dão por saltos, como a mítica história de Newton em que a maçã se transformou em um símbolo da lei da gravidade – assim é preciso que haja tempo para sensibilidade das maçãs, para ensinar coisas que permitam saltos, bem como respeitar seqüências cumulativas sem jamais considerá-las como restritivas, rígidas e intransponíveis. (SOUSA NETO, 2008, p. 27-28)

O quarto questionamento a ser respondido pelo professor diz respeito a: como ensinar? Ou seja, qual é o caminho que deve ser construído para que se tenha um ensino de qualidade como também uma aprendizagem satisfatória.

Eis a pergunta que muitas vezes se encobre com os procedimentos técnicos. Ensinar através de transparências, mapas, poesias, material reciclado, textos, etc. Não é essa, entretanto, a resposta que devemos ser levados a dar. A questão é outra, é de prática social. Podemos, com nossa prática, contribuir para formar de modo autoritário pessoas submissas, destituídas de capacidade crítica, disciplinadas para os sistemas sociais instituídos [...] Caso tratemos os estudantes como ignorantes, pessoas que nada sabem, mero receptáculos do conhecimento, então muitos deles vão aprender a ser ignorantes, a agir como ignorantes e a viver alienadamente. (SOUSA NETO, 2008, p. 28).

A dimensão técnica está intrinsecamente relacionada e ligada ao processo de ensino e aprendizagem como uma ação que visa organizar e fornecer condições para que a aprendizagem ocorra de fato. Porém quando esta dimensão é dissociada das demais tem-se o tecnicismo a esse respeito tem-se que, quando a:

[...] dimensão técnica é privilegiada, analisada de forma dissociada de suas raízes político-sociais e ideológicas, e vista como algo “neutro” e meramente instrumental. A questão do “fazer” da prática pedagógica é dissociada das perguntas sobre “o porquê fazer” e o “para que fazer” e analisada de forma, muitas vezes, abstratas e não contextualizada (CANDAU, 2010, p.15).

A ação pedagógica não deve ser entendida e praticada pelo professor, como uma ação neutra e descontextualizada, deve-se sim fundamentar-se por teorias e práticas comprometidas com a criação e desenvolvimento da emancipação social dos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Luckesi (2010, p. 28) afirma que a “prática educacional não poderá ser, de forma alguma, uma prática burocrática (ou profissional-burocrata). Ela tem que ser uma ação comprometida ideológica e afetivamente. Não se pode fazer educação sem paixão”.

## CONCLUSÕES

A partir da execução deste estudo procurou-se teorizar o ensino de Geografia com o propósito de compreender qual o sentido dessa disciplina na Educação Básica. Acompanhar a rotina da escola proporcionou uma análise de como está o ensino de Geografia, o que contribuiu para que fossem elencados alguns fatores que justificam o desânimo de professores e alunos para trabalhar com a Geografia. Dentre estes são apontados os seguintes: (1) os professores, em sua maioria, não têm a habilitação em Licenciatura em Geografia (2) os professores utilizam o livro didático como único recurso para preparar as aulas; (3) os alunos são desmotivados, pois são sempre submetidos às mesmas aulas; (4) a formação inicial desses professores é desqualificada, pois estes desconhecem outras maneiras de trabalhar a Geografia de forma mais criativa; (5) há falta de formação continuada para melhorar a prática de ensino; (6) não há participação da família no acompanhamento do aluno, deixando para a escola toda a responsabilidade de educar.

O aluno contemporâneo não necessariamente precisa estar em sala de aula para aprender Geografia. Com a democratização das informações, proporcionado pela mídia, os alunos aprendem cotidianamente através das informações divulgadas pela internet, televisão, jornais, revistas, letras de música, romances, etc. Portanto, a escola e os professores precisam redefinir os papéis assumidos nesta sociedade da informação.

O papel do professor se define pela ajuda ao aluno na reorganização destas informações. Ajudar a selecionar, analisar e interpretar as mensagens, notícias, reportagens e perceber quais são as ideologias, distorções e imprecisões geográficas apresentadas nas informações veiculadas. Neste sentido torna-se necessário ao professor possuir uma formação inicial e continuada que lhe forneça condições de construir e reconstruir uma geografia escolar significativa.

## REFERÊNCIAS

- CANDAU, Vera. Maria. Papel da didática na formação de educadores. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **A didática em questão**. 30 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010. p. 13-24.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e praticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002. 127 p.
- CALLAI, Helena Copetti. **Geografia: um certo espaço, uma certa aprendizagem**. São Paulo: USP-FFLCH-DG, 1995. (Tese de Doutorado) 280 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à práticas educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra 1987.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.) **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 221-231.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (coleção magistério. Serie formação do professor).

LUCKESI, Cipriano, Carlos. O papel da didática na formação do educador. In: CANDAU, Vera, Maria. (org.) **A didática em questão**. 30º Ed – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5 ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

SEABRA, Giovanni. **Geografia: fundamentos e perspectivas**. 4 ed. – João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 2007. 156 p.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de geografia**. 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Geografia e Interdisciplinaridade. Espaço geográfico: interface natureza e sociedade**. Geosul (UFSC), v. 18, p. 43-54, 2003.

TEDESCO, Juan Carlos. **O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna**. Tradução José Carlos Eufrásio. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2008.

#### AGRADECIMENTOS:

Com admiração e respeito, à querida professora Maria Edivani Silva Barbosa, pela dedicação, paciência e amizade. Ao grupo de professores e alunos da Escola de Ensino Médio "Edite Alcântara Mota", pelo apoio, disponibilidade e acolhimento no desenvolvimento das atividades da pesquisa. Ao amigo e geógrafo Narcélio de Sá pela orientação cartográfica na confecção do mapa. E a todos os professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará que constituíram-se em grandes colaboradores na minha formação inicial.

#### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LANDIM NETO, Francisco Otávio. A formação inicial do professor e o ensino de Geografia ministrado em escola pública no interior do estado do Ceará: reflexões. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 035-056, set./dez. 2011. URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>

#### EDITOR DE SEÇÃO:

Rosely Sampaio Archela & Edison Archela.

#### TRAMITAÇÃO DO ARTIGO:

✓ Recebido em 06/07/2011.

✓ Aceito para publicação em 30/01/2013.